

Giuliana Almeida e Tatiele Café
Organizadoras

VENDE-SE OU ALUGO



MEMÓRIAS DE UM POVO PAPAJAGA

**VENDE-SE
OU ALUGO**
MEMÓRIAS DE UM POVO PAPAJACA

1ª EDIÇÃO

Santo Antônio de Jesus/BA
2022

Organizadoras: Giuliana Conceição Almeida e Silva, Tatiele de Souza Silva
Projeto editorial: Editora Bagageiro
Direção de arte: Tatiele de Souza Silva
Produção executiva: Oxe Produção Cultural LTDA

.....

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Vende-se ou alugo [livro eletrônico] : memórias de um povo papajaca / [organização Giuliana Conceição Almeida e Silva, Tatiele de Souza Silva]. -- Santo Antônio de Jesus, BA : Oxe Produção Cultural, 2022.
PDF

Vários autores.
ISBN 978-65-996527-1-4

1. Contos brasileiros - Coletâneas 2. Memória coletiva 3. Memória cultural 4. Santo Antonio de Jesus (BA) - História I. Silva, Giuliana Conceição Almeida e. II. Silva, Tatiele de Souza.

22-107791

CDD-981.42

Índices para catálogo sistemático:

1. Santo Antônio de Jesus : Bahia : Estado : Memória coletiva : História 981.42

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

É proibida a venda por quaisquer meios (físico ou digital) desde livro. A impressão para distribuição gratuita em escolas, bibliotecas públicas e projetos culturais só será permitida diante de autorização escrita das organizadoras. Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro, através de de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Cultural do Estado da Bahia (Programa Aldir Blanc) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial de Cultura e do Ministério do Turismo, Governo Federal.



SECRETARIA DE
CULTURA, TURISMO
E JUVENTUDE

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



DOIS DEDOS

DE PROSA

Vez ou outra dá vontade de voltar no tempo não para consertar as coisas como muita gente deseja, dá vontade de voltar para ver como aconteceu aquilo que meus olhos não viram, o original de um acontecimento. Você já se sentiu provocado por uma memória ausente? Do tipo quando uma lembrança parece um quebra-cabeças faltando uma peça chave. É possível se sentir assim com a história da nossa cidade, do lugar que a gente acabou de chegar para morar e não conhece ninguém e até mesmo com a nossa casa. O que nós temos de mais precioso em um povo são suas histórias, mesmo quando ela é assim, uma espécie de *eu aumento mas não invento*, que dá asas à nossa imaginação. É por isso que nós decidimos criar este livro que reúne causos e contações sobre a cidade de Santo Antonio de Jesus, hoje, nosso lar.

As histórias apresentadas se encontram a partir de um diálogo entre duas personagens na Feira Livre de Santo Antonio de Jesus que é um lugar de memória vívido e tão importante para a cidade. Se juntam ao diálogo das duas personalidades: professoras, escritoras, contadores de causos e muito mais.

Esta Antologia é organizada por mim, Tatiele Café, e por Giuliana Almeida. Nosso encontro no mundo das palavras aconteceu em 2017, através de um livro compartilhado na universidade, de lá para cá, muitas ideias já nasceram e foram partilhadas com a literatura. A escola e a sala de aula nos uniu em questões do tipo: como podemos ajudar os estudantes a se verem nos livros? Como incentivar a leitura no dia a dia? Ainda dá tempo de falar sobre pertencimento? Este livro é parte da resposta para nossas inquietações e só foi possível fazê-lo pela participação mais do que especial dos 11 autores selecionados, são eles: Aloma Brito, Andréa Barreto, Fernanda Souza, Gilucci Augusto, Isadora Silva, Jucimara Andrade, Luzitânia Silva, Marília Neri, Nicolas Oliver, Tau Taurinho e Meire Rosemeire Assunção.

Todo povo tem sua história e tradições, contá-las é fazer a memória resistir ao trabalho do tempo. Ao nos juntarmos para colher histórias para a cidade, abrimos a chamada para receber textos que contassem histórias sobre os lugares de memória de Santo Antonio de Jesus. A provocação do título *Vende-se ou Alugo* tem como objetivo resgatar histórias que falem dos lugares de memória da cidade de Santo Antonio de Jesus, no Recôncavo da Bahia. A proposta do título é utilizar a comunicação vernacular vista em toda cidade através da

sua comunicação visual e da linguagem empreendedora da população para criar um livro de memórias populares, criativas e diversas. O projeto tem apoio financeiro da Secretaria de Cultura de Santo Antonio de Jesus através da Lei Aldir Blanc e foi premiado no Edital Yalorixá Mãe Tereza na categoria projetos literários. Desejamos a todos uma ótima viagem pelas terras santoantoniense.

Tatiele Café



KH C B T
0978813057

KH C B T
0906221181

B. TONG
1259

PHONG TÁC
CHUYÊN THÔNG TÁC
LÀNG TRẠI LỘ ĐỒ KHẨU ĐỘC PHẢI
CÔNG THỨC CHẾ LẠC. 0906221181
HUYỆT ĐỀ PHỐT GIÀ ĐỀ
0943.352.045

C. VAY
HỒ TRỢ TÀI
P. Ca Hộ khẩu
Giải gần trong ngày. 10

H C B T
0976957915

KH C B T
095588759

KH C B T
0989142594

KH C B TONG
7221259

KH C B TONG
0915 555 433

KH C B T
0918 212 114



QUARTA, SEXTA E SÁBADO É CERTO, DONA NIL E BENÉ VÃO SE ENCONTRAR NA FEIRA LIVRE DE SAJ.....

Foi em um desses dias que a amizade das duas começou lá pelos anos 2000, há 22 anos atrás. Dona Nil que há mais de 30 anos é dona e proprietária de uma barraca de farinha na Feira Livre de Santo Antonio de Jesus, não esperava que sua nova vizinha de barraca pudesse se tornar sua melhor amiga. Desde aquele dia de movimento intenso toda semana elas se encontram na bem cedinho na Feira. Só no último ano é que as coisas ficaram diferentes por causa do covid-19 e da pandemia. Foi o maior tempo que as duas passaram se ver. Mas agora as duas estão imunizadas e de volta a ativa.

Além do interesse em descobrir as coisas do mundo, elas tem em comum a habilidade de contar histórias. Entre uma venda e outra, as duas passam horas trocando histórias sobre a cidade e saberes que passam de geração em geração, em suas famílias e na familiar da clientela cativa.

Sábado desses, enquanto eu esperava o menino do carrinho de mão para levar as compras até o ponto do

ônibus, escutei as duas conversando. Dona Nil, com um lenço amarrado na cabeça e uma pochete de moedas na cintura se preparava para pesar 3kg de farinha de copioba para uma cliente quando começou a dizer:

- Apois Bené, dizem que a história da gente é a história da nossa cidade. Eu fico me perguntando o porquê de ter nascido aqui e sempre que me faço essa pergunta um monte de memórias me saltam cabeça a fora. Tu sabe porque o povo daqui chamado de papajaca?

- Nil, mulher...eu já ouvi dizer que esse apelido foi dado pelos nazarenos. Disse que no começo essa uma forma de fazer *rilia* por causa da disputa de jogo de bola entre as cidades de Santo Antônio e Nazaré. Mas hoje é motivo de orgulho para todo mundo.

- Eu tenho lembranças que me emocionam de quando era criança e a cidade parecia ter sido feita para minha imaginação. Tem vez que me pego saudosa como um poema que diz assim:

Que tristeza não ter um pequenino riacho
No quintal. Poder sentir e ver a lua deitar-se
Leitosa como a nata do leite que Vô deixava descansar
Após ferver sem derramar,
Logo cedo quando dourados raios beijavam as latas

Do leiteiro que gritava e acordava mãe, tia, vizinha, cachorro e gato
Para a alegria, com pitadinha de sal,
fazia-se até mingau ou vitamina
Com banana nanica verde ou madura cozida...

Que tristeza não ter um pequenino riacho
No quintal. Poder sentir e ver o som crescer
Sol acalantar
Toque doce de abelha serena
Florir
Perfume de maracujá.

Que tristeza não ter um pequenino riacho
No quintal. Poder sentir e ver a vida minha
E dos vizinhos,
Filho preto e pardo nascer
Crescer e morrer de morte natural.

Tentarei não morrer por esses dias,
Pois, aqui onde nem eu e nem a vizinha
Temos riachos pequenos no quintal,
Tem se morrido de gente e não de causas naturais.

Se Vô ainda fosse viva, decerto que leite
Do leiteiro não teria.

Mesmo na beleza da primeira luz do dia
Jorraria leite rubro viscoso formando

Riachos e outros diachos que se vê
Nos tempos de hoje no jornal do meio-dia.
Há no país uma legenda,
Que ladrão se mata com tiro.
(Texto de GILUCCI AUGUSTO, menino crescido em quintal)

- Que coisa mais bonita é essa, Nil? Eu me lembrei de quando eu era moça e o homem do leite passava lá na rua de casa. Ele entregava leite e contava causos. Tinha uma história que ele contava dizendo que era pra mãe enterrar o umbigo dos meninos no curral pra virar tudo dono de terra, fazendeiro, e ter gado bom. Lembrei dessa conversa outro dia com Nanda, bisneta de Abílio do Sindicato do Trabalhadores Rurais, que é neta de Antoin Zé...tu lembra?

- Abílio do Sindicato, Abílio...me fala mais aí pra eu ver se me lembro!

- Abílio menina, que também era da roça e fundou o Sindicato de Trabalhadores Rurais de *Sanantoin*, que ensinou um bocado de gente lá do Benfica a ler e escrever

- Ahhh...aquele que na época da Ditadura Militar teve de queimar o livros que ele tinha quando o povo da guerra chegou em SAJ, não foi?

- Esse daí mesmo. Nanda é minha vizinha, tu sabe como é? Aí a gente proseia um bocado dessas histórias, ela me contou do que dia que ele foi levar o povo lá pra Salvador. Ter neto é uma coisa boa na vida da gente, viu Bené. Tu acredita que Nanda escreveu uma história que saiu no jornal? Vou te mostrar a foto que ela me mandou no zap. Repara...

Abílio José dos Santos. Um dos tantos Severinos, filhos de tantas Marias que viveram espalhados por essas freguesias. De umbigo enterrado em Santo Antônio de Jesus, lá pelas bandas da roça do Benfica, como ele mesmo diria. Nascido em casa, numa noite de tempestade, agarrado pela parteira e chorando baixinho, como quem já nasce destinado a sentir no fundo do peito as dores profundas com as quais a vida nos marca. Por sorte e beleza desta mesma vida, nasci bisneta desse homem cercado de magia.

Cresci pelo meio das suas histórias e, mesmo sem sua presença física, meu avô contava tintim por tintim. Assim sigo levando essas memórias, das ruas de terra do Benfica que rendiam sempre muita caminhada e boas risadas até a cidade, das festas de santo em que todos dançavam até pegar o Sol com as mãos, das celebrações de aniversário que juntavam todo o povoado em pequenas casinhas. Como era possível caber tanta gente por m²? Dos partos, feitos em casa, sob as mãos de mulheres de tanta sabedoria, e quando a criança chorava as casinhas

lotadas de amigos se enchiam de alegria celebrando a nova vida que chegava. Se eu me esforçar direitinho, consigo sentir até o cheiro das plantações de laranja se estendendo pelas terras do Benfica, plantações que saíam direto de Santo Antônio de Jesus para a Feira de Água de Meninos em Salvador, nas antigas embarcações que partiam de Cachoeira, ligando o Recôncavo à Capital.

E de tanto fazer estas idas e vindas, Abílio se fez esperto em Salvador. Conhecia cada cantinho e sempre que voltava ao Benfica contava os causos da cidade grande, todos escutavam atentos, afinal ninguém sabia nem pra que lado ficava essa tal Capital. Quando deixou de ser suficiente contar os causos, Abílio resolveu levar o povo do Benfica até Salvador. Acertou o caminhão de seu Irineu, organizou o primeiro grupo e lá foram conhecer “a Bahia”, como ele e os mais antigos diziam. O povo vestia as roupas de festa, passava seu bom gel no cabelo, aparava a barba e ajeitava os meninos com cuidado, todos prontos subiam no fundo do caminhão de seu Irineu e iam sacolejando pela estrada até o destino. Chegando, o povo do Benfica se deslumbrava quando via o mar: “Valha-me Deus, isso é de matar!”, “Quem foi que salgou toda essa água no mar?” e o movimento de gente, carros, barulhos, ambulantes, as casas tão grandes, “Como é que pode caber tanta gente?”.

Em uma dessas muitas viagens no caminhão de Seu Irineu, Abílio resolveu levar o povo do Benfica pra conhecer o Elevador Lacerda. E aí, meus amigos, me desculpem, mas vou ter que discordar da máxima de que “pra descer todo santo ajuda”, aqui na Bahia eu te diria que

depende. A subida no Elevador foi tranquila, o elevador subindo assim devagarzinho com aquele friozinho na barriga, todo mundo segurando na mão uns dos outros e orando, afinal, se for pra morrer melhor chegar em grupo do outro lado né não? E lá vai o elevador subindo, subindo, subindo. E quando chega lá encima, o povo do Benfica sai do Elevador consertando as barras dos vestidos e as gravatas, fingindo uma naturalidade incrível, quem vê até pensa que eles já tinham visto um elevador.

E todo mundo passeia, vão de um lado a outro agarradinhos que nem penca de banana, para ninguém se perder em Salvador. Abílio ia guiando o grupo, contanto causos reais e inventados que seduziam e impressionavam. Quando chega a hora da volta, que precisam encarar a descida de Elevador, aí lhes digo que os santos fecharam os olhos para não ajudar na descida, porque na Bahia é assim, até os santos têm senso de humor.

E lá vai o povo pro Elevador, todo mundo agarradinho, as mãos suando, e o “bicho” começa a baixar, mas nada de descer suavemente, começou a descer trupicando, balançando, naquele vai, mas não vai. E o povo nervoso, e começaram os gritinhos, os homens tirando os lençinhos dos bolsos e enxugando o suor de nervoso. E aquela descida de segundos, se converteu em minutos de agonia. O povo do Benfica começou a se perguntar porque diabos que foram aceitar esse negócio de conhecer “a Bahia”, imaginando que iam ser manchete de Jornal em Santo Antônio: “Povo do Benfica morre em viagem à Salvador”. E

naquela agonia passaram-se os minutos até que um tombo final, nada suave e bem atrapalhado, pôs fim ao caso. Finalmente, chegaram ao destino. Abrem-se as portas do elevador, todos descabelados, suados e bagunçados, procurando as pernas.

Seu Miguezinho, um dos senhores do Benfica que também ia à Capital pela primeira vez, saiu desgovernado de dentro da caixa de ferro, atropelando gente e gritando: “Diaxoooo! Nunca mais eu venho! Eu vou voltar andando! Eu vou pra Santo Antônio! Pra que lado fica o Benfica? Eu vou andando agoraaaa!”, ele gritava e corria e gritava e corria. Quando ele já ia longe, o povo do Benfica entendeu que era sério e saiu correndo atrás. Quanto mais Miguezinho corria, mais o povo do Benfica corria atrás, aquele mundo de gente da roça correndo espalhada e gritando pelas ruas de Salvador. E esse foi o dia em que o povo do Benfica parou a cidade de Salvador com sua agonia, a manchete do jornal seria: “Povo Papa Jaca invadindo Salvador?” (Texto de Fernanda Souza, *menina do mundo e do colo de vó*)

- Sabe, Bené! Eu vivo dizendo que basta chegar nessa cidade para a pessoa querer abrir um negócio. Seja uma banquinha de frutas ou uma indústria, não é a toa que dizem que aqui é a capital do comércio do Recôncavo. Você reparou como aqui na Feira Livre e o transbordo ficam movimentados nos dias de quarta-feira, sexta e sábado? É gente de todo canto que vem e vai para fazer compras, pagar contas, fazer exame...

- Quem bebe da água de Santo Antônio de Jesus, já se considera santoantoniense, Nil. Não sei o que tem nessa água, mas ao bebê-la a sensação de pertencimento é imediata, e ao ouvir as histórias, como a de seu Abílio, então? Humm... Somos arrebatados pela magia e amorosidade "sajense".

- Outro dia teve aqui na barraca uma moça de Valença que mora em Tancredo Neves e vem aqui direto. E não é que ela até fez poema para SAJ também? Repare só:

Valenciana de nascimento

Tancredense de coração:

- *Minhas origens se encontram na boa e velha Itabaina!
Mas, involuntariamente, por SAJ tenho apreço
E paixão.*

Quando, por um deslize,

Demoro de aparecer nesse lugar

Dá tristeza e desatina

Uma cidade com muitos encantos

Que sempre insiro em minha rotina.

E se alguém me perguntar

Sobre Santo Antonio de Jesus

Vou sorrir e felicitar
“Quão boba!” – me dirão
Acontece que eles não sabem
Das histórias mais simples e peculiares
Que vivenciei por lá.

Dos amigos e amigas que me fizeram sorrir
Do nervosismo ao prestar concursos e vestibular
Dos momentos mais marcantes
Alguns que não quero mais vivenciar
Foram alegrias e tristezas
Que, num banquinho da Praça Padre Mateus, quiçá
A gente pode sentar e papear.
(Texto de Luzitânia Silva, menina curiosa pelo mundo)

- De onde será que veio a pessoa de mais longe que mora aqui, Nil? SAJ é o entrocamento do Recôncavo, cidade cheia de oportunidades que gera esperança em quem passa por aqui. Quem não se encanta com esse vai e vem, cheiros, cores e sabores?

- Não é difícil de encontrar gente que veio de todo canto para plantar aqui suas raízes. A de mais longe eu não sei não, Bené, mas quem teve aqui quarta foi aquela menina Aloma, a dos coelhinhos, tu sabe? Tu não

vai acreditar na história bonita dela e do marido quando eles chegaram aqui...

- Ô coisa boa é história de amor. Me deu até saudade do meu *véio*...

Nessa hora eu me atentei para ouvir se era a mesma história que eu tinha lido outro dia na coluna de histórias da cidade, no blog local. Eu me informo sempre sobre a cidade por lá, minha coluna preferida é a que conta crônicas do povo, sobre a história da cidade. E pelo que percebi era sim a história que eu tinha lido, começava assim:

A parada de ônibus

E daí que a gente tinha chegado quase duas horas da manhã em casa? Quando o dia clareou e no bairro vizinho minha amiga acordou, ela prontamente agarrou o celular e mandou a mensagem:

- Pessoa...

Depois de confirmar minha pertença ao conjunto de seres humanos, ligo a antena própria da parte feminina desse mesmo conjunto: ou alguma coisa urgente tinha acontecido e não podia esperar, ou pior, alguma coisa que não podia esperar tinha acontecido. Normalmente a segunda costuma ser movida pela curiosidade e era para satisfazer essa vontade a finalidade daquele diálogo.

- Repare... Recebi essa foto aqui de um amigo meu hoje de madrugada. Porque que eu tenho certeza que, apesar da imagem tá longe, de que são vocês dois?

Ela falava de meu marido e eu. E éramos nós mesmos. Graças a Deus honrando os conselhos e orientações dos nossos pais e não fazendo nada de errado. Atípica poderia definir melhor a situação.

- Você tá vestida de noiva no meio da rua de noite por quê? É tu?

Eu ainda não tinha confirmado e a essa altura do campeonato ela já devia tá subindo pelas paredes...

Não era tão rápido assim de se explicar e como disse, havia acabado de acordar depois de chegar de madrugada em casa. Voltemos então ao ponto inicial: há 16 anos. Tempo em que a história do vestido de noiva começou e junto com ela nossa passagem sem carimbo de volta em terras santoantonienses.

O ano era 2006 e do alto dos meus vinte e poucos anos eu não sabia o que era nem mudar de casa na cidade de Ilhéus onde nasci. Minhas malas tinham o limite de um feriado e com elas a minha inexperiência no quesito sair de casa. Até aquele momento, a minha experiência de vida, família, escola, amigos, igreja, faculdade, namoro e maternidade se resumiam praticamente a Ilhéus de plano de fundo.

Mas na vida tudo muda. E se tem uma coisa que esse último ponto da lista faz com a gente é abrir espaço para a mudança interna, externa e crescente. A maternidade é assim: tira

a gente da zona de conforto e no meu caso ainda me tirou de quebra todo o meu mundo. Sem exageros...

A família que fui criada, os amigos que me viram crescer e os lugares que tanto testemunharam minhas diferentes fases agora ficariam na prateleira do meu HD interno na sessão “antes do casamento”, porque até meu estado civil iria mudar depois que meu filho nasceu. Sete anos de namoro, noivado e mudança de fase no jogo.

Foram meses de espera pra o tão esperado dia e no meio do caminho eu precisava me preparar pra deixar de verdade tudo pra trás. O pior era nem saber pra onde eu iria aumentando ainda mais a angústia de ter meu noivo do outro lado da Bahia, em treinamento para o trabalho dele. Mas aí um dia, como quem fala o que precisa ser comprado no mercado, ele solta ao telefone:

- Minha notas foram boas. Vou poder escolher pra onde vou.

Qualquer um, pensaria no ato: “Graças a Deus! Vou poder ficar perto de minha família”. Mas nem deu tempo de sonhar muito...

- Tem vaga pra Catu, Governador Mangabeira e Santo Antônio de Jesus.

No estilo Maisa dentro de seu mundo caído eu agradei estar sentada e soltei:

- Onde?

- Oxe, amor! Caminho de Salvador todas três.

Aí a luz se acendeu dentro da minha cabeça e na minha memória a luz da rodoviária nas viagens noturnas.

- O ônibus de Ilhéus para em Santo Antônio de Jesus. Isso deve significar alguma coisa.

E assim, de forma prática e aleatória escolhemos o visgo e na noite posterior ao nosso casamento desembarcamos na Rodoviária de Santo Antônio de Jesus com uma aliança no dedo pra descobrir como fazer fluir os votos; uma criança no colo, esperando que a gente soubesse o que fazer e um bagageiro cheio de coisas que resumiam nossa curta história de vida.

No ponto, um taxi com banco de madeira era nossa única opção. Não tinha ninguém esperando a gente. E pela primeira vez entendemos o que famílias fazem quando se deparam com situações inesperadas: encaram.

E Santo Antônio de Jesus retribuiu encarando a gente na tranquilidade do seu silêncio da madrugada trazendo paz ao cansaço do dia e no caso, as incertezas de um começo. Naquele silêncio, mais do sono eu senti a sensação de estar em casa. A casa que escolhi.

Dez anos depois desse desembarque olhamos pra trás e vimos o lugar onde nossas vidas profissionais foram iniciadas e vivenciadas. Eu me vi cobrindo fatos importantes da história da cidade. Ouvi nosso filho mais velho brincando e fazendo amigos nos parquinhos e em alto e bom som, o primeiro choro do nosso caçula (até aquele momento) na maternidade Luiz Argolo, símbolo

de gerações de santoantoniense. Lembrei das pessoas queridas que vi casarem e também partirem. Dez anos depois não era só nosso casamento que fazia aniversário: era uma década de uma natividade visguenta e feliz onde aprendemos a construir um novo mundo e que era nosso. Não preciso de títulos e documentos pra me dizer que pertenceo a um lugar porque nem tudo que gruda na pele pode ser tirado com óleo.

- Bom dia, pessoa. Sim, era a gente. Resolvemos tirar fotos comemorativas de aniversário de casamento com a grande testemunha da nossa história: SAJ. Esse seu informante aí que entrou de penetra na festa... (Texto de Aloma Brito, menina de história de amor de cinema)

- Quem encontra um amor na vida já achou metade do caminho, viu Bené?

- Histórias de amor me encantam! - disse D. Nil com brilhos nos olho - Toda vez que escuto uma delas sinto que é um recado para encontrar sentido na vida que a gente leva aqui nessa correria.

- A filha de Nice, Dora, que estudou lá onde teu neto estuda, virou escritora, tu sabe? Uma menina de ouro!! Ela até escreveu uma história de amor do São João daqui. Todo mundo ficou se perguntando se a

menina da história era ela, o povo já não gosta de uma vida dos outros...

- A escrita está em Dora. Aquela menina nasceu escritora. Simples assim! Desde pequena era muito observadora, usava as palavras de forma certa e necessária, inclusive para lutar por uma sociedade melhor. Seus textos são fortes, sensíveis e precisos. E nessa história da paquera de São João tinha alguma pista que era ela?

- Tinha nada, menina. Eu tenho o *link* aqui no grupo da família. Deixa eu usar meus dados móveis pra te mostrar...Aqui achei! O nome é *Todo mundo tem um amor de carnaval, mas nada supera um amor de São João*. Lê aí enquanto eu despacho a freguesa aqui...

São João sempre foi minha época favorita do ano, desde a infância eu amava o barulho, o cheiro, as comidas, cresci e aprendi a amar a festa, o forró, as músicas, e todas as outras manifestações. Não tem época mais viva em Santo Antônio de Jesus. Naquele ano eu estava saltitando tal qual os fogos que meu irmão jogava no quintal, já saí de casa dançando forró, com os cabelos molhados preparados para a chuva que cairia, com o nariz entupido pela chuva do dia anterior. Valia a pena.

Meu grupo de amigas era pura euforia, de Marília Mendonça, Tayrone ou Dorgival a gente dançava, cantava e se

emocionava; do começo da rua da linha até o local da festa a gente brincava e sorria. Uma das melhores festas de São João na Bahia, forró, licor e muitas paixões.

Ah, as paixões. De nomes não posso falar, mas vou sempre lembrar do toque dos dedos frios no meu pescoço, da barba na minha bochecha e do óculos embaçado.

Nossos grupos de amigos se encontraram na festa e decidiram ficar juntos, fomos apresentados e ele me deu um sorriso lindo demais para ser verdade, balançou os cabelos cacheados e eu pensei comigo: “A festa nem começou e eu já achei a paixão desse ano”

Ficamos todos juntos e chamei ele para dançar forró, foram algumas músicas, mas sem muita conversa, eu não sabia se rolaria alguma coisa, mas talvez fosse tentar, ele tinha cheiro de fumaça e manteiga de karité, me conduzia enquanto elogiava meu sorriso.

Ele foi buscar algumas bebidas e eu fiquei dançando sozinha, tocava um forró gostoso de ouvir com o coração, fechei meu olhos pra sentir a música tomar conta do meu corpo, se foi efeito do álcool, da música ou da festa eu não sei, mas eu estava feliz e leve como não me sentia há tempos, não ligava para o frio, para a lama ou aperto, eu amo essa sensação, aquilo era bom. Senti mãos nas minhas e ao abrir os olhos me deparei com o homem do sorriso bonito, seu óculos molhado com gotículas de chuva, puxou meu corpo e colamos um no outro, fechei os olhos e

me deixei levar pelo o ritmo gostoso daquele xote, ele cantava a música baixinho no meu ouvido e eu já sorria de orelha a orelha, sua mão desceu para minha lombar enquanto a outra puxou a minha para seu peito, ele sorria na minha bochecha e eu sentia que aquele noite seríamos só eu e ele.

Os corações batiam acelerados quando o cantor começou a cantar “valeu”, a música fazia todo mundo cantar ríamos enquanto a chuva fraquinha começava a cair, o vento frio percorria nossos corpos, mas o calor da multidão e a intensidade do momento não nos permitia sentir frio, o arrepio era de pura emoção. Pairava no ar aquela tensão que antecede o beijo, dos narizes roçando, o carinho tentador. Cheguei mais perto e o beijei, aquele sorriso pedia para ser beijado, ele correspondia e o mundo explodia ao nosso redor, o coro cantando e a chuva que começava a engrossar, nada existia ali, apenas nós dois e aquele beijo.

No dia seguinte eu só conseguia pensar no quanto as pessoas estão enganadas em enaltecer somente as paixões de carnaval, elas nunca sentiram a paixão de São João, o gosto de licor se misturando, chocolate e jenipapo, os cheiros característicos impregnados na pele, o corpo quente mesmo molhado, as mão calmas, sinceras, tudo lento e saboroso.

Se eu pudesse te desejar algo hoje, desejaria uma paixão de São João. Todo mundo tem um amor de carnaval, mas nada supera um amor de São João. (Texto de Isadora Silva, menina que foi lá e fez)

- Eu fico é besta com o tempo, Nil! Essa menina vinha aqui todo sábado com a mãe, era um toco de gente, ficava doida quando via melancia. Agora já é uma mulher feita, escrevendo, ô coisa bonita né, não?

- Não é o quê, mulher? Eu lembrei foi dos meus tempos de moça, aquela agonia lá na casa de mãe *vêa* no São Roque, nós tudo arrumando a casa, enfeitando o terreiro, fartura, o cheiro do jenipapo, dos fogos, dos quitutes, o colorido das bandeirolas...

- Hoje em dia não tá mais assim, não. Os meninos de hoje nem querem saber de fogueira pra não chegar na festa fedendo a fumaça...

- Aquela menina que divulga vaga de emprego, festa, essas coisas, outro dia tava comentando isso.

- Ela botou no *instragram* SAJ Eventos dela foi?

- Foi! Tá com uma foto que tem uma bandeirolas, procura aí pra tu ver.

Hora de arrumar a casa

Esse texto poderia tratar de rotina, gestão do tempo, organização e uma série de outros temas. Mas, apesar do título, não é sobre nada disso que quero falar. Vou resgatar memórias de uma das épocas que mais gosto no ano: as festas juninas! Quem é nordestino e do interior, especialmente de Santo Antonio de Jesus-BA, provavelmente vai entender e se identificar.

Para os católicos, a festa é em homenagem ao santo São João. Para mim, é celebração de uma festa da colheita como acontece em vários lugares do mundo e das tradições do nosso povo. Independente da simbologia, quase todos seguem os mesmos “ritos” de preparação e os mesmos costumes no dia da festa. E é desses detalhes que vamos lembrar a seguir.

Muito antes do forró e da fogueira, a casa precisa estar pronta. Hora de fazer uma faxina caprichada! Limpar os vidros, lavar as cortinas e “arear” (polir) as panelas de alumínio. Quando vai chegando mais perto do dia 24 de junho, é hora de trocar o forro do sofá, colocar as colchas novas nas camas e trazer as plantas mais bonitas para dentro de casa. A decoração é a base de palha e chita!

A comida também é diferente e um pulinho na Feira Livre é indispensável. Lavamos o amendoim, ralamos o milho, fazemos a canjica e compramos um queijo cuia. No dia da festa arrumamos tudo na mesa: amendoim e milho cozidos, frango assado desfiado, bolo, queijo fatiado, canjica, bolinha de jenipapo, licor, uma fruteira para enfeitar e os copos que Mainha ganhou no casamento dela (porque os do dia a dia são de extrato de tomate).

Com a casa arrumada e a comida na mesa, já pode começar a peregrinação dos amigos e parentes de casa em casa logo cedo, porque mais tarde tem as bandas boas da “Festa na Praça” (comemoração pública promovida pela prefeitura). Nossos

tios moram no Andaiá, então é pra lá que vamos. Ah, mas pera aí! E a fogueira? E os fogos? E as roupas?

Enquanto Mainha estava ajustando os últimos detalhes da véspera, eu e minha irmã saíamos com Painho para comprar a fogueira e os fogos. As fogueiras ficavam perto do estádio municipal. Haviam opções de todos os tamanhos e preços. Já os fogos eram na saída da cidade, onde várias barracas se reuniam vendendo produtos do mesmo segmento. Painho estipulava nosso orçamento e a gente fazia pesquisas com o objetivo de ir para casa com a maior quantidade e variedade de fogos possível!

A divisão dos fogos entre minha irmã e eu era um capítulo a parte! Tudo dividido MILIMETRICAMENTE ao meio. Se as caixas de traques estivessem em número ímpar, a gente abria e repartia as unidades! Se as unidades também ficassem em número ímpar, teria que ser compensado ou negociado em outro item!

Tudo feito, agora sim: hora de tomar banho, vestir a roupa de estampa quadriculada e acender a fogueira. No Cajueiro (meu bairro da infância) era assim: As crianças na porta respirando fumaça e esperando o tição (pedaço de lenha acesa ou meio queimada) ficar pronto para tocar os fogos e os adultos recebendo as visitas, colocando os CDs de forró no volume máximo e contando causos. Sempre tem alguém que se queima e um copo que é quebrado!

Passadas algumas horas, junta todo mundo e vamos para a “Praça do Forró” conferir as atrações. Todo ano a mesma coisa:

reclamamos que faltou a banda X e tomamos chuva. No meio da festa, sempre tem uma pausa para respirar da agonia de tanta gente. Vamos pro lado da Biblioteca Municipal para conferir o coreto das bandas locais e o parque de diversões que vem todo ano. Voltando para o palco principal, é hora de recuperar as forças comendo alguma coisa nas barraquinhas que se espalham pelo caminho. No final a bota fica toda suja de lama e voltamos para casa com os pés doendo de tanto dançar e ficar em pé!

A manhã seguinte também tem sua importância. Todos acordam um pouco mais tarde e as crianças vão reacender a fogueira para tocar o resto dos fogos. Comemos os quitutes que sobram e vamos almoçar na casa dos parentes que moram na zona rural (no Tabocal ou no Cunha).

Mais algumas noites de forró na praça e acaba a festa. Hora de lavar e guardar as roupas quadriculadas e as botas. Hora de começar a contagem regressiva para a próxima festa junina! (Juci Andrade, menina com olhos curiosos)

- Por falar em arrumar a casa, você viu que agora estão mudando os nomes das ruas aqui da cidade, Nil? Tá uma confusão que só, eu peço para o moto-táxi entregar uma encomenda, chega lá ele não encontra porque tem placa nova em tudo quanto é lugar. É um tal de liga liga para me encontrar...

- É assim memo! Muda nome de rua, muda nome de criança...até a língua tão mudando. Não viu que nas escola também mudou o jeito de escrever um monte de palavra? Vi o pequeno lá de casa fazendo dever esses dias...

Neste momento, uma cliente leal, a professora Giuliana se aproxima e começa a integrar a conversa. Se você chegar cedinho na Feira você sempre vai encontrar professores fazendo compras. A professora Giuliana falou que a linguagem também é um instrumento social. Ela nos referenda, diz quem somos. Existem termos que são apenas daquele lugar. Palavras e expressões que em SAJ são ditas de um jeito e outra cidade já é diferente. Ser papa-jaca também é ter alguns vocabulários próprios! Ela até falou da história que uma colega de profissão, a professora Andréa, escreveu para ajudar seus alunos a compreenderem mais sobre modos de falar. Todos pararam para ouvir:

É beco ou é Travessa?

Eu tive uma infância muito feliz e cheia de vida. Parte da alegria que permeou meus tempos de criança dá-se por eu ter nascido em uma época em que a vida em Santo Antônio de Jesus era mais leve e livre, pois a rua ainda era um espaço de convivência, sem tantos perigos. Eu nasci em 1979, então as minhas melhores memórias

remetem às décadas de 80 e 90, na Segunda Travessa Antônio Fraga. É sobre isso que vou compartilhar com os leitores: uma rua com pouco mais de 500 metros... e muitas histórias para contar.

Para início de conversa, preciso relatar que a forma como muitas pessoas se referiam à minha rua era motivo de desavença. Alguém dizia: “Estou indo para o beco de Andrea!” e eu, de imediato, respondia: “Alto lá. Eu moro em uma travessa.” Sentia-me profundamente ofendida. Beco soava como algo menor, pejorativo, uma palavra que desqualificava o meu espaço. A travessa era conhecida (ainda o é, por moradores mais antigos) como o Beco de Romualdo, proprietário de grande parte dos terrenos da localidade. Mas, havia uma moradora que achava pouco e ainda nomeava o “beco” como “da calçola”. Aí realmente já era demais!

E o que uma rua tão pequena no centro da Cidade das Palmeiras possuía de tão especial para ser contado e eternizado para futuros leitores? Ah! Ter uma rua para chamar de sua e correr com os amigos até a hora que a mãe gritava e chamava para o banho é de fato um presente na história de qualquer pessoa. Tudo bem que Tia Lia reclamava dos gritos das crianças e não entendia o porquê da frente de sua casa ser tão atrativa e o local preferido para as travessuras. Mas, não importava qual era a brincadeira, pois o que gostávamos era da interação, das risadas, dos gritos e correrias numa rua que ainda nem era calçada. Chegávamos em casa uma mistura de suor, poeira e euforia.

Minha rua era muito abençoada. O motivo? Nós tínhamos duas rezadeiras famosas e procuradas por gente da cidade. Dona Tute e Dona Alice eram duas senhoras que nos benziavam e clamavam, enquanto passavam em nós as folhas milagrosas, para que fossem tirados os olhados de nossos cabelos, de nosso estudo e de tudo mais que pudesse ser alvo de olho gordo. Elas não estão mais entre nós, mas eu tenho certeza de que aquelas rezas me protegem até hoje, pois duas senhoras tão boas e generosas certamente levaram aos ouvidos de Deus as preces de proteção.

E uma rua que se preze começava e terminava com uma venda, onde além da cachacinha, vendia o pão, a bala e a cocada preferida das crianças. Não estou falando do mercado nesse formato de hoje. A venda antiga, com um balcão que separava o dono dos fregueses, onde ficava exposto o rolo de fumo de corda, tinha como elemento sedutor o baleiro. A venda mais marcante era do Senhor Anicêto, onde eu ia comprar o pão. Naquela época, não eram fornecidos sacos de papel ou de plástico e os pães eram enrolados em um papel pardo, que vez por outra, quando eu corria na volta para casa, me davam o desprazer de fazer parar tudo no chão. E eu, toda rápida e serelepe, levantava, juntava novamente o nosso alimento do café da manhã e o levava para casa, sem comentar nada com ninguém. E comíamos pão e terra juntos, nos nutrindo naquela infância cheia de afeto.

Toda rua possui lembranças de pessoas e nomes engraçados, sempre pronunciados de modo peculiar. Ninguém podia

subverter as regras linguísticas do local, querendo chamar de Antônio o morador conhecido com Antôe. Eu me emociono ao lembrar de Seu Dú, Seu Merquídes, Manezinho e, dentre tanta gente simpática, Seu Apolinário. Este senhor contador de histórias visitava regularmente a minha casa. Só que eu geralmente dormia, porque as narrativas longas pareciam mais uma estratégia para ninar uma criança. Mas, eu juro que adorava Seu Apolinário, um lindo velhinho de cabelos brancos.

Toda rua também tem o vizinho que gosta de som alto. Imagine isso na década de 80! O leitor não precisa ser advinho para saber que as músicas preferidas eram de Roberto Carlos. Graças ao gosto peculiar do morador da casa colada à minha eu sei até hoje todas as músicas do Rei. Confesso que gostava e posso até entoar, sem errar a letra: “Todo dia quando eu pego a estrada, quase sempre é madrugada e o meu amor aumenta mais...”.

Até a década de 90, poucas pessoas possuíam telefone em casa. Como não tínhamos e muitos dos nossos parentes moravam em São Paulo ou no Espírito Santo, nós éramos os vizinhos inconvenientes, pois repassávamos o número da moradora da frente. Então, constantemente nossa vizinha saía de casa para nos chamar para atender ligação. Fico pensando se fossemos nós os donos do telefone, se seríamos tão pacientes a ponto de sair de casa a qualquer hora do dia ou da noite para convocar a pessoa para sua conversa. Para matar a saudade em tempos de exclusão

tecnológica só mesmo às custas do incomodo alheio. Em tempos de celular e ligações ilimitadas, a geração Z precisa saber o que já sofremos por poucos minutos de diálogo. Aliás, na minha rua quem sofria mais era a vizinha, enquanto eu e minha família engolíamos a vergonha por necessidade.

Acho que nem preciso dizer que aqui em SAJ andávamos para cima e para baixo levando ou trazendo xícaras de açúcar, de café, de farinha, ou pratos de caruru na Semana Santa. Coisas que hoje não são tão comuns, pois há ruas em que as pessoas não sabem nem quem é o morador da casa ao lado. E eu, felizmente, pude experimentar muitas emoções, amizades, encontros e desencontros que só a rua é capaz de proporcionar. (Texto de Andréa Barreto, menina de palavra falada e escrita)

- Que história, hein professora! - Exclamou, Zé da barraca de quiabo e cheiro verde.

- Pois é, Zé! Um historiador da Arte chamado Giulio Carlo Argan escreveu em um livro que fala que a história da arte é como a história da cidade que quando a cidade vai mudando, vai mudando também sua história, por isso a gente deve sempre visitar essas memórias, pra não perder nossa história. - Complementou.

- Esse costume saiano de falar algumas palavras vem desde a formação da cidade, com a diversas culturas trazidas pelos que se achegavam e davam o tom que é

Santo Antônio. Os mitos e as as crenças também interferiram em nosso costume de falar. - Explicou a professora Giuliana, se despedindo.

- É tipo um paradoxo, Bené.

- Como assim, Nil?

- Eu não sei explicar direito, mas Marília sabe. Vi esse termo na postagem que ela fez, no @escrevemarilia

Paradoxo papajaca

Ela ainda se lembra de uma cidade que não mais reconhece hoje: ruas vazias em bairros residenciais que lhe permitiam andar de bicicleta com as primas pela cidade. A vida era bem mais leve ali, assim como seus pés que pedalavam sem arrastar consigo os dilemas da vida adulta.

Ela se lembra de tudo: ir andando para a escola com um dos melhores amigos; ir para a padaria da tia comer pão recém saído do forno com manteiga de lata ou bolo de puba. Receita de família que a avó fazia desde as férias na fazenda quando as netas e o neto comiam toda a assadeira e abocanhavam também o bolo feito especialmente para o avô.

Ela ainda se lembra de outras tantas coisas: ter medo de Toin Linguíça, figura célebre da história da cidade natal; caminhar pelas ruas aos domingos para visitar amigos. Nesses passeios, andava sozinha e sem tanto medo. Nunca foi sem medo algum,

afinal ela foi socializada como mulher, bicho fêmea que deve se comportar, cruzar as pernas e temer homens.

Ela se lembra de tudo o que fez a sua infância mais feliz: cada procissão de Santo Antônio, padroeiro, que ela ia para bater papo e ver pessoas e acompanhar as músicas das mulheres desafinadas ao microfone enquanto o andor seguia pelas ruas. Rezar era, quase sempre, o último dos objetivos, mas o santo nunca a desamparou por aquilo. Diz a lenda, inclusive, que foi ali, na procissão, que ele a abençoou com o seu amor de escola que vive até hoje.

Essa mesma cidade, com suas ruas tranquilas na sua infância, traz consigo outros desdobramentos. Às vezes, era ruim que muitas pessoas soubessem de quem ela era filha, qual era a sua família. Às vezes era péssimo ser reconhecida quando queria se esconder. Anos depois, ao retornar à cidade, os desconfortos continuam.

Você é filha de...?

Conheço seu tio...!

Você vai sair vestida assim? Desarrumada?

Assim é o paradoxo papajaca. A vida mais calma do interior e a vida mais exposta do interior. A vida com horário de almoço e cochilo e as fofocas com seu nome. Para um dicionário qualquer localizado no site de buscas, paradoxo é uma aparente falta de nexos ou lógica; contradição. Em SAJ é assim. Santo Antônio de Jesus, cidade duas vezes abençoada por entidades

católicas e cristãs. Em SAJ é assim ou assim é porque assim teimam as pessoas em ser.

Palavras. Caça-palavras. Pensa-palavras. Memórias. Cercadas delas muito antes de “ser-eu”. Havia um cinema aqui. Haviam na verdade dois. Cine Rex. Cine Glória. Quantas histórias foram refletidas na tela e vividas na plateia? Ela era o depois, de um tempo antes do Cine Itaguari ou das plataformas de streamings.

Ela aprendeu mais sobre o passado num sábado na oficina de escrita com uma poetisa da terra. Que alegria. Envolta em memórias na Biblioteca Municipal. Quantas pesquisas foram realizadas ali para a escola antes da era da internet e das buscas, aos sábados, no Cyber Café do Shopping Itaguari?

Então o paradoxo: a biblioteca da cidade não parece viva, apenas resiste bravamente. Espaços de cultura, espaços de trocas, espaços de conhecimentos para além das mesas de bar... onde eles estão? Onde eles resistem? Há, mas muitas pessoas mal sabem deles. Há tanto nessa cidade e há tanto em falta.

Há tanto para se lembrar e tanto que ela preferia esquecer. Paradoxo. Contradição. Incongruência. Incoerência. Há tantos sinônimos para uma mesma palavra... Há tantos paradoxos em um mesmo município. Ser ou não ser? Questiona o poeta. Saj ou o quê? Questiona ela.

Paradoxal ou não, SAJ lhe traz, em suas lembranças, memórias bonitas, vivas, engraçadas, amorosas e livres. Bicicleta. Domingo. Passeio. Amigos. Escola. Namoro. Muito do que a formou

vem dessa cidade interiorana, muito do que ela apresenta ao mundo é parte dessa localidade. Paradoxal sim e também memorável e, por vezes, também detestável. Ela é resultado da incongruência dessa terra e por isso, ela (a cidade ou a mulher) se mostra tão complexa. (Texto de Marília Neri, menina que cresceu escrevendo)

- A gente muda e a cidade muda também, né não professora? Brinquei a vida toda na rua de terra, Bené, agora que é calçada, eu fico voltando lá trás pra lembrar como era, como eu era. Fico me perguntando como tudo era antes? Quem começou primeiro? Que pedaço da história está faltando? - Refletia D. Nil enquanto despachava um pedido de farinha de tapioca e beijú.

- E você já ouviu a história que Tau Tourinho, aquele do cinema, conta sobre o asfaltamento da cidade? É uma história engraçada que fala sobre uma época em que eu nossos filhos nem eram nascidos, Nil!

- Eu já era moça, Bené e olha...realmente, a pavimentação asfáltica do centro de SAJ deu muito o que falar.

- Será que encontro essa história para compartilhar com meus alunos? Esses meninos precisam conhecer mas sobre a história da cidade, até pra que eles tenham mais interesse pelas coisas daqui...- Comentou empolgada a professora Andréa.

Bené, que tinha puxado o assunto do asfalto, tratou de mandar um áudio que mais parecia um *podcast*, pedindo para que sua neta lhe enviasse o documento que falava sobre o asfalto, ela já não lembrava se era um pedaço velho de jornal, dos muitos que eles guardava em sua caixa de memórias em cima di guarda-roupa ou se tinha sido mais uma mensagem do grupo de *WhatsApp*. A história logo chego e dizia assim:

Humor no asfalto

Quando o início da pavimentação asfáltica de Santo Antônio de Jesus, diferentes reações foram observadas entre os quase cem mil habitantes daquela vigorosa cidade do Recôncavo baiano. Na última segunda-feira do mês de janeiro, do ano de dois mil e quatro, foi visto na Praça Padre Mateus, início da Rua Tiradentes, um monte de gente presenciando o início da obra que mudaria para sempre o destino daquela comunidade. Em meio ao barulho das máquinas e da fumaça exalada, a quentura e o cheiro forte do betume, espalhada pelos arredores estava uma plateia atenta e sonhadora. O Bar de Guelo ficou apinhado de gente fofoqueira e ele, incansavelmente, fritava na chapa quente carnes e mais carnes de hambúrguer ao tempo em que compactuava de toda falação da clientela. Do lado de fora do bar havia vários políticos de pescoço esticado, um deles já estava na ponta dos pés; cada um tentava aparecer mais que o outro, seja subindo em batentes, nos capuz e

carrocerias dos carros, nos canteiros do jardim. As pessoas que estavam na fila do caixa do primeiro andar do Banco do Brasil puderam desfrutar de uma panorâmica através da vidraça da fachada. Teve um político que fingiu cortesia com Quito da tapeçaria na esperança de ser convidado a usar como camarote a janela ou marquise do seu sobrado. Foi visto também um grupo deles no mirante do quarto andar do prédio da Cofel, oh !!! Quase todos os políticos tinham a mesma característica: autoconfiança e sorriso largo no rosto.

Desse dia em diante, como num passe de mágica, em menos de vinte e quatro horas já haviam cinco ruas asfaltadas: pela manhã os passeios das ruas estavam repletos de cocôs de cachorros que estranharam a manta asfáltica nas ruas da cidade. E como o serviço estava andando muito rápido, a população começou a fazer uma só pergunta: Onde está o asfalto?! Pra quem mora e trabalha no centro da cidade bastava ir a qualquer rua adjacente para ouvir este questionamento. Nelson Pimenta contou que ao passar pela janela de uma donzela a mesma telefonava para uma amiga a fim de saber se o asfalto já havia passado por lá. Daí em diante só se falava nesse tal de asfalto, tanto que, quando Celina Dávila parou em um posto de gasolina para tomar um cafezinho e compara cigarro, ouviu no serviço de utilidade pública da rádio o locutor lendo a lista das ruas já asfaltadas e as seguintes. A coisa quase virou tragédia quando um morador da Rua da Linha - em plena Quatro Esquinas - reivindicou uma

camada de asfalto, mesmo que fosse fininha. Coitado, quase foi linchado por três moradores do centro e imediatamente retrucaram: A Rua da Linha, que dá acesso à estação rodoviária, já é asfaltada há mais de dez anos, meu filho!!!

Mais adiante, perto da loja de móveis de João Damesceno, um artista plástico com veemência falou que ia criar uma instalação artística em homenagem ao advento betúmico, onde seriam colocadas treze imagens de Santo Antônio em uma faixa de trânsito, iluminada com as três cores do semáforo, e disse que o nome da obra seria “Santo Antônio do Asfalto”. Pelo visto a criatividade aqui anda em alta.

Uma semana depois o asfalto já estava na Rua Celestino Pimenta e lá estava Dilson de Madeira conversando com Nêgo Mário quando ouviram dois rapazes tecendo o seguinte diálogo: “Quem vai ter prejuízo é as oficina mecânica, pois os carros vão quebrar menos no asfalto”; então o outro respondeu: “É, mas em compensação funerárias e clínicas terão mais lucro, pois os motoristas irão correr demais no asfalto e...”. - Ô boca da disgrama, não demorou muito acidentes começaram a acontecer.

Mas afora isso, o resto foi só alegria, tanto que no primeiro fim-de-semana com a cidade asfaltada milhares de pessoas, vestidas com suas melhores roupas, usando os melhores perfumes, se fizeram presentes na Praça Padre Mateus; famílias inteiras vieram, algumas trouxeram até carrinhos de bebê. Todos fizeram questão de pisar com os próprios pés e ver o asfalto com

os olhos que a terra um dia há de comer. Foi maravilhosa aquela tarde de domingo: os ciclistas, os skatistas, os patineteiros, triciclos, quadriciclos e os motoristas se deliciavam como se estivessem deslizando e entrando em um êxtase provocado por aquela recente modernidade. Quando o sol se pôs e chegou a noite na praça da matriz, em frente ao Restaurante Lua Cheia, Bonfim havia contratado uma grande banda que fez um belíssimo show incluindo músicos convidados especialmente para aquela ocasião. Veio gente de todo esse interior circunvizinho para ver Santo Antônio asfaltado: gente do Corta Mão, do Chupa, do Pau de Culé, da Vargem Grande e até gente do Morre Sem Vela. Cá pra nós, tem nome de lugar escroto mesmo, não é?! Foi aí então que um velho pesquisador da história local, Amarílio Orrico, ao ser questionado sobre o asfaltamento, choroso falou: “As Quatro Esquinas agora são só três, pois somente três esquinas foram asfaltadas. Como explicar isto à história?”

Passado um mês máquinas e peões concluem a obra e logo surge um novo questionamento: Porque não asfaltaram um trecho das Quatro Esquinas? Ninguém respondeu esta pergunta, mas parece que apareceu alguém querendo ser o pai do asfalto. É que foram instalados outdoors indicando um deputado, morador no outro lado da Serra da Jiboia, como o responsável pelo feito. Então na Barraca de Ademir, o comerciante Seu Gorgônio da São Luis, se dirigindo a Zeca Foêm, em tom de ironia, falou: “O pai do asfalto o povo diz que já se sabe quem é; a cor do filho também,

agora só falta saber quem é a mãe”. A língua do povo é afiada mesmo. E lá se foi o mês de abril e no final do mês de maio, quando já estavam armando as barracas para a trezena do Santo Casamenteiro, o questionamento já era outro: “Será que as treze grandes fogueiras que tradicionalmente são acesas no início das missas da Festa de Santo Antônio derreterão o asfalto?”. E para tirar essa dúvida ninguém melhor do que Antônio Silva Andrade, mais conhecido como Tõe Fogueireiro, o qual há trinta e tantos anos arma as fogueiras da festa. Tõe, devoto fervoroso do santo casamenteiro, de peito estufado e falando em voz alta, justificou: “Eu queria ver se fosse no tempo de Silvino da Manteiga, que botava cada tora de madeira, óia !...levava três dia queimando !!!”. Ficou subentendido o que Tõe falou, mas parece que ele quis dizer que com a quentura o asfalto derrete, viu ?!

O melhor de tudo foi a primeira Procissão do Padroeiro com a cidade asfaltada, foi realmente apoteótica. A população católica compareceu em massa; o grupo de senhoras católicas da sociedade santantoniense idealizaram e decoraram um monumental andor de Santo Antônio, bem como o pároco adoraram a ideia, pois o andor do santo já não chacoalhava como antes, além do mais o padre não precisava andar olhando para o chão, evitando assim torcer o pé, como havia acontecido algumas vezes no antigo calçamento. E lá foi aquele povo carolo atrás dos santos Antônio, José, Benedito, Cosme Damião, Cristóvão e das santas Rita, Graça, Terezinha e Madalena, seguidos pelas filarmônicas Amantes

da Lyra e Carlos Gomes que, com seus músicos de estatura e cabelos disformes, executavam magnificamente hinos dolosos. Muitos fiéis iam por pura fé, outros por alcançarem graças, outros foram mesmo pela presença da TV Subaé. Os idosos e os com dificuldade de locomoção foram os que mais agradeceram ao bom Deus.

E...como o tempo não para e a língua do povo não cessa de trincar, já tem gente dizendo que o asfalto está rachando. Aí já é demais! Rachando ??? (Texto de Tau Taurinho, artista de palavra cheia)

- E eu estou rachando de rir! Que maneira divertida de se contar uma história.

- É esse tipo de história que a gente precisa resgatar para os jovens, Bené! Os meninos de lá de casa mesmo, tudo curioso para saber sobre essas histórias, mas nem tudo eu sei contar. Tem que ter quem conte...

Nesse momento, Nicolas Oliver, um jovem escritor que se inspira em histórias do povo se aproximou e perguntou se alguém queria ouvir a história de Seu Querino e o Poço. De certo que todos estavam curiosos ele começou a nos contar uma outra bela história sobre a memória da cidade.

Seu Querino é uma enciclopédia viva de Santo Antônio. Possui mais de 70 anos apenas na cidade: não viu ela nascer,

mas viu boa parte de sua história moderna. Teve infância humilde e rigorosa; casou-se cedo com dona Lúcia, sua esposa, de quem nunca separou, e com quem teve 8 filhos, 5 moças e 4 rapazes, todos já casados, e que lhe deram vários netos. Há alguns anos, já aposentado, abriu defronte a própria residência a sorveteria onde o conheci, na praça da Salgadeira. Passei vários meses tomando sorvete lá sem nunca falar muita coisa com ele: um dia, trouxe minha noiva para tomar sorvete junto comigo, e após conversarmos sobre política, descobrimos com Seu Querino um gosto em comum, apesar de termos alinhamentos diferentes. Nós tornamos amigos, e passamos a compartilhar nossa vida. Seu Querino ama a vida pública como ninguém: além de ter saído candidato a vereador nas últimas eleições, apesar de não lograr ser eleito, já foi diretor da Filarmônica do Município, presidente da Associação de Pais da escola estadual aonde um dos filhos estudava, e presidente de Associação de Bairro da Urbis II, em todas as ocasiões construindo coisas muito úteis para seus concidadãos. Seu Querino conhecia a história política da Bahia e de Santo Antônio como ninguém; falava de muitos luminares de nossa vida pública como se os tivesse conhecido, e em alguns casos, realmente chegou a interagir brevemente com alguns deles. Conversando com Seu Querino, descobri que assim como Hélio Valadão, cuja autobiografia tive a oportunidade de ler, ele tinha muitas histórias, e que seria interessante colocá-las num livro posteriormente; porém, exatamente por serem muitas, isso exigiria

um grande trabalho para se realizar. Surgindo o edital que motivou esta crônica, descobri entre todas, aquela que seria mais interessante de se colocar num pequeno texto: quando Seu Querino, ainda um pai de família de meia-idade, distribuiu água para seus vizinhos, durante um corte no fornecimento. Quando ouvi a história das primeiras vezes, acreditei que ele tinha cavado um poço artesiano, distribuindo uma dádiva da natureza entre seus concidadãos. O procurei na sorveteria, para coletar os detalhes da história, que então pretendia transformar em conto. Sua gata, Miúcha, e o pinscher, Jake, sentaram-se do nosso lado, enquanto eu coletava as informações com Seu Querino. Ele me contextualizou a situação: era o começo do governo Sarney, quando a Ditadura Militar tinha acabado, mas a Constituinte ainda não tinha sido convocada. O prefeito era o Dr. Renato Machado, amigo do Hélio e parente de uma de minhas superiores no serviço. As grandes represas do Recôncavo, a do Rio da Dona e Pedra do Cavallo, ainda não tinham sido construídas. Assim, o fornecimento de água não tinha a regularidade de hoje, além de haver muito menos encanamentos. Também não havia registros de água nas residências: os poucos privilegiados que tinham acesso aos serviços da EMBASA, pagavam pelos mesmos uma taxa única. Seu Querino pagava a taxa: porém há muito tempo há água não vinha. Na época, ele ainda trabalhava como caminhoneiro, fazendo fretes na região. Num dos momentos em que ele estava em casa, Dona Lúcia reclamou da situação. Seu Querino tomou a solução

que pode: escavou até onde se encontrava o cano de água, instalou uma bomba elétrica no mesmo, e passou a puxar a água que ficava presa no centro da cidade, abrindo uma bica para extraí-la. De início, apenas sua família fazia uso. Porém, alguns vizinhos, passando por necessidade de água, pediram a Seu Querino que desse um pouco a eles: e Seu Querino franqueou o acesso a quem viesse com baldes coletar. Quando ele não estava em casa, um dos seus filhos ajudava as pessoas. Funcionários da companhia vieram a casa de Seu Querino reclamar. Ele respondeu que sua família estava sofrendo necessidades, e que ele fez o que precisava ser feito; ele pagava regularmente suas taxas, quem não estava fornecendo o que estava sendo pago era a companhia. Os funcionários, é claro, perceberam que as outras pessoas que estavam usando a bica provavelmente não pagavam taxa alguma, porém talvez tenham pensado que não valia a pena colocar a população contra a companhia por uma perda tão pequena. Eles eram o governo. Aquelas pessoas trabalhavam, pagavam impostos, o governo iria recuperar o que estava perdendo agora depois. Seu Querino e sua bica foram deixados em paz. Sua família, e quem mais da localidade precisasse de água, continuaram a pegá-la, até a companhia conseguir normalizar o fornecimento. Anos depois, as represas foram construídas, resolvendo não só a falta d'água, como também os alagamentos que afetavam a região. O governador ACM, percebendo que Pedra do Cavalo tinha potencial hidrelétrico, mandou instalar também turbinas na mesma, que

passou a fornecer água e energia, como a usina de Paulo Afonso. Seu Querino seguiu sua vida. Manteve sua fé em Deus, seu amor pela justiça, continuou servindo de referência para os filhos e netos: uma de suas filhas abriu recentemente uma pequena loja de informática ao lado da sorveteria, usando o espaço de uma pequena sala onde o pai mantinha um local de culto, e guardava um pula-pula portátil que monta para as crianças do bairro, aos fins de semana. Elas pulavam o dia inteiro, enquanto seus pais tomavam sorvete. Ele nunca cobrou entrada: armava o pula-pula na praça, e voltava para sua loja. Alguns vizinhos mais velhos, de passagem, agradeciam o ato de altruísmo de anos atrás, e ele sorria, feliz. (Nicolas Oliver, menino das palavras cativas)

Com tantas histórias o dia na Feira passou mais rápido do que eu imaginava. Era a primeira vez que eu tinha ido com Tia Bené. Nunca imaginei que pudesse aprender tanto com pessoas que nunca vi na vida. Eu nem vi hora passar.

- Tia Bené, o menino do carrinho de mão ainda não veio buscar as compras da moa para levar no ponto do ônibus! - Lembrei!

- Precisamos desarrumar a barraca Paulinha.

- Todos esses ônibus que passam no ponto da Feira vão para o lado do Cajueiro, tia? Posso descer perto casa da freguesa e entregar.

- Despache D. Meire aí e depois a gente vê!

Parece que toda conversa ali na Feira terminava com uma contação de história. Eu nem esperava saber de mais nada naquele dia quando pesava os 3kg de farinha de D. Meire. Mas logo ela começou a me contar:

Certo dia, um casal e seu filho, um bebê de dez meses residentes na cidade de Santo Antônio de Jesus, foram passear na casa das avós materna e paterna, em uma cidade próxima.

Foi um dia muito aguardado e cheio de expectativas, pois há alguns meses os pais não saíam com seu filho. Neste dia, acordaram cedo, tomaram café, arrumaram as mochilas, o bebê, arrumaram-se, colocaram o filho no colo e foram para o ponto de ônibus da Praça de São Benedito. O casal estava com dúvida se pegavam o ônibus para o transbordo, na praça da biblioteca municipal ou se iam direto para a rodoviária, mas resolveram ir para a rodoviária. Nesse dia, o transporte não demorou como era de costume, e estava quase vazio, o que era raro. A mãe pegou seu bebê e resolveu passar a catraca, em vez de ficar na frente do

ônibus. Sentou-se com o marido e o filho, na última fileira de bancos. Estava um dia nublado, porém quente e um pouco abafado. Foram conversando e olhando a paisagem. Na parada do ponto da feira livre entraram um senhor e uma criança de mais ou menos dois anos de idade. O senhor parecia estar passeando, certamente com sua neta, com um carro de brinquedo enorme. Ele colocou esse carro no corredor do ônibus, atrapalhando a passagem de todos que passavam. Com o balanço do ônibus, o carro ia de um lado para o outro, mas o senhor o segurava, o pai do bebê também ajudava. Enquanto isso, a criança foi deixada no colo de uma senhora desconhecida, solidária, pois o senhor não estava conseguindo segurar a criança e o carro ao mesmo tempo.

O ônibus seguiu seu percurso, passando no centro da cidade, na Praça Padre Mateus, Shopping Itaguari. Era praticamente um tour pela cidade. No ponto das topiques entrou um homem que estava visivelmente bêbado, mal pagou a passagem e conseguia se segurar com dificuldade, indo de um lado para o outro. A mãe do bebê o viu logo que entrou, comentou com o marido e ficou observando, pedindo a Deus para o homem se sentar longe. Aconteceu o que ela temia. O Bêbado, cambaleando, foi sentar-se no fundo do ônibus, do lado deles. Não sei como ele

pulou o obstáculo que estava no corredor, o carro de brinquedo, e não se sentou, jogou-se. O bafo dava para sentir de longe. Fechou os olhos, parecia dormir. Com o balanço do carro a cabeça dele ia de um lado para o outro, hora apoiava-se no pai do bebê, hora em um homem que estava do outro lado. Certa hora ele abriu os olhos, justamente para o lado em que estava o bebê, dormindo, olhou-o fixamente e falou alto: “Que coisa mais linda, mais abençoada! Deus abençoe a criança! Deixa eu tocar na criança? Deixa eu tocar na criança?” Nessa hora, todos do ônibus já estavam olhando, assustados, inclusive a cobradora e o motorista, pelo retrovisor.

A mãe, assustada, falou: “Não, ele está dormindo.” O bêbado insistiu. “Que coisa mais linda! Deixa eu tocar na criança!” Ele falou e foi com a mão em direção ao bebê. O pai, que estava sentado entre o bebê e o bêbado, o impediu e afirmou com força. “Não. Ele está dormindo. Vai acordá-lo”. O bêbado se conteve por um momento.

A mãe sentiu-se aliviada quando o ônibus parou. O senhor que estava com a criança e o carrinho desceram e, por sorte, o bêbado perguntou que lugar era aquele. A cobradora falou que era o ponto do Andaiá. Era a parada dele, mas o bêbado insistia na

porta do ônibus, falando algo sobre a família dele e dizendo: “Deus abençoe o bebê.” O motorista falou que ia fechar a porta, se ele não descesse. Enfim, depois de um certo tempo, desceu. Todos ficaram aliviados, pois a tensão havia tomado conta do ônibus assim que o bêbado entrou e sentou-se perto do bebê. Os pais, mais tranquilos, seguiram para a rodoviária para esperar mais um ônibus, rumo à casa das avós.

Mais tarde, a mãe, refletindo, comentou com o marido: “Quem sabe não seja um anjo disfarçado de bêbado, pois ele falou tanto no nome de Deus.” O marido ficou pensativo e disse: ‘Quem sabe?’” (Meire Assumpção, professora que também escreve histórias)

Aquela era a história que eu precisava para me despedir da Feira Livre de Santo Antonio de Jesus e voltar para minha vida no povoado de Santana. Na volta para casa, observei pela janela do ônibus o tanto de placas de vende-se ou aluga e quis mudar minha vida para SAJ. Quem sabe um dia! Quem sabe uma hora! Eu já sabia o bastante sobre aquele lugar, mas não o suficiente para não querer voltar.

Abril de 2022



O FIM DE UM LIVRO É SEMPRE UMA PAUSA.....

Gosto de afirmar que somos narrativas! Trazemos memórias vividas, construídas e ouvidas. São elas que nos compõem e dizem quem somos, nos definem, nos fazem retornar quando divagamos por aí e também nos acalentam. Quem nunca se sentiu abraçado pelas suas lembranças? Aqui, neste livro, um local cheio de afetos, risos, lembranças de alguém, de um povo papa-jaca em forma de palavras cheia de saudades que nos caracterizam tão bem: nossos costumes, nosso povo, nosso olhar... Esperamos que o/a leitor/a tenha se envolvido nessas narrativas e poema, encontrado o seu aconchego, o eixo que nos faz cada dia mais ser “sajano”. Que sejamos banhados por muitas teias de palavras, como as apresentadas aqui! Que essas riquezas sempre nos conduzam e diga quem somos! Afinal, ser papa-jaca é uma teia de narrativas e tanto! Que venham mais memórias! Já estamos ansiosas por mais relatos de SAJ. As histórias continuam... É só uma até logo!

Giuliana Almeida



AUTORES

Aloma Brito Cardoso e Silva Coelho

Nascida em Ilhéus, santoantoniense de coração. Formada em Comunicação Social pela Universidade Estadual da Bahia e idealizadora do perfil @coelhosleitores que incentiva a leitura em família. Casada, mãe de três filhos e escritora da vida não publicada que vê poesia no cotidiano. **Texto:** A parada de ônibus.

Andrea Barreto Borges

É professora de língua portuguesa no IFBA, campus de Santo Antônio de Jesus. Moradora de SAJ, Andrea ama ouvir e contar histórias sobre a cidade. Coordena o projeto Tecendo Histórias e é autora do perfil "escrita em tempos de isolamento", no Instagram. **Texto:** Beco ou Travessa?

Fernanda Souza Santos Santanna

Neta de Antônio José dos Santos e bisneta de Abílio José dos Santos, filhos de Santo Antônio de Jesus e grandes contadores de "causos". Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, professora e sonhadora. Apaixonada pelo poder da arte, da palavra e da fotografia. **Texto:** Abílio.

Gilucci Augusto Oliveira de Jesus

Baiano, natural de Santo Antônio de Jesus, vivo e trabalho em Salvador. Minha produção artística é envolta da poética do Recôncavo baiano na sua diversidade, tradição e contemporaneidade. **Texto:** Poesia/Sem título.

Giuliana Conceição Almeida e Silva

Escritora, professora e pesquisadora. Doutoranda em Crítica Cultural (UNEB). Possui graduação em Letras com Inglês pela Universidade do Estado da Bahia (2003) e mestrado em LETRAS pela Universidade do Estado da Bahia (2019). Professora da Educação Básica vinculada à Secretaria Municipal de Educação em Santo Antônio de Jesus, Bahia e à Secretaria de Educação do Estado da Bahia. **Organizadora.**

Isadora Silva

é artista criativa, graduada em Letras e apaixonada pelas palavras, seus textos e poemas são sobre seu olhar para a vida, encantada pelas miudezas,

Isadora escreve no perfil @akambapoetica. É também autora dos livros de poesia Versos Sólidos que Inundam (2020) e Eu sei fazer Tempestade em gota (2021). **Texto:** Todo mundo tem um amor de carnaval, mas nada supera um amor de São João

Jucimara Andrade da Silva

Comunicadora nata, curiosa por natureza e leitora apaixonada, Jucimara Andrade é santoantoniense com orgulho e é idealizadora dos projetos literários: Clube do Livro SAJ, Autores de SAJ, Lendo em SAJ e Amigos da Leitura SAJ, que são geridos pela mesma em parceria com empresas e com a comunidade. Através destes projetos, participou da distribuição gratuita de mais de 3.000 livros pela cidade. É formada em Administração (UNEB) e especialista em Gestão de Pessoas com Ênfase em Gestão por Competências (UFBA) e em Gestão da Inovação e Desenvolvimento Regional (UFRB). **Texto:** Hora de arrumar a casa.

Luzitânia de Jesus Silva

É mãe, Liberina (com muito prazer!), escritora nas horas vagas, autora dos e-books "Regida por Vênus" e "Meu Mundo", além de organizadora da antologia "História D'Elas", do Grupo Meninas e Mulheres Empoderadas (atualmente Associação de Mulheres Liberinas) de Presidente tancredo Neves. **Texto:** Lembranças.

Marília Neri Matos

É psicóloga, bordadeira e escritora – mas não revelava essa última informação com muita facilidade. Escrevendo desde o início da adolescência, a literatura sempre foi uma certeza. Reside com o marido, afilhadas, três gatos e uma cadela em Santo Antônio de Jesus. **Texto:** Paradoxo papajaca

Nicolas Vladimir Vieira Oliver

Nascido em Salvador, veio para Santo Antônio de Jesus ao ingressar como Soldado no Corpo de Bombeiros Militar da Bahia. Tinha uma vivência anterior no meio cultural, que repetiu em sua nova cidade, logo se tornando amigo de parte dos mobilizadores da cidade. Membro do Rotaract SAJ, Projeto Pétala, e estudante de Produção Cultural, na Pitagóras. **Texto:** Querino e o Poço.

Otávio José Felix Tourinho (Tau Tourinho)

É um artista visual que transita pelo desenho, pintura, audiovisual, música, letras, fotografia, escultura, etc. Nascido em Santo Antônio de Jesus, Bahia, ao final da década de 1980 passou a se interessar e produzir cinema participando de festivais e mostras nacionais e internacionais. **Texto:** Humor no asfalto.

Rosemeire da Assunção Oliveira

Licenciada em letras, Português/ Inglês e suas literaturas. Sou casada, mãe, empreendedora e apaixonada por leitura e escrita. **Texto:** O bebê e o bêbado

Tatiele de Souza Silva

É produtora multimídia, escritora e empreendedora. Formada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Recôncavo (2014), mestra em Desenho Cultura e Interatividade pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2018), especialista MBA em Design Thinking (2018) e doutoranda em Artes Visuais pela Universidade Federal da Bahia (atual). Iniciou sua carreira profissional na gestão de projetos em 2017 e em 2019 abriu sua própria produtora, a Oxe Conteúdo. Hoje integra a rede de Alumni da Embaixada dos Estados Unidos pela Academy for Women Entrepreneurs (AWE). **Organizadora.**

Todos os textos são obras artísticas de direito e
responsabilidade de seus autores.

